

antes
que
eu Welma Mohallem
me
esqueça

Agosto de 1995

Um ano pesado, esse de 1995. Em maio, tive a notícia de que minha irmã Wilma estava com diagnóstico de câncer de fígado. Naquela época não havia o doutor Google, e o prognóstico reservado só era claro para mim.

Foram três meses do diagnóstico até o óbito. Minha irmã faleceu em 13 de agosto, dia de seu aniversário.

Câncer é uma doença muito estranha. Ela não afeta só o doente, mas a todos que amam a pessoa atingida. Foram meses que pareciam séculos.

Quando o paciente falece, um estranho alívio toma conta da gente, e tudo quase volta ao normal, como se nada tivesse acontecido: parece uma tempestade que encontra as janelas de sua casa escancaradas, revirando tudo e tirando os móveis do lugar, e que depois dá lugar à bonança.

Alguns dias se passaram, e eu, com a cabeça fervilhando, comecei a conversar sozinha com Deus, em voz alta, enquanto esfregava o chão da cozinha de meu apartamento com muita força, numa tentativa de me cansar para não me lembrar do sofrimento da doença e da perda. Eu disse em meio às lágrimas:

- Ô, Deus! Eu não sei se o Senhor me escuta, se presta atenção em minhas palavras...

Sabe, vivemos muito do que vemos, sentimos, ouvimos. Tudo é muito palpável. Como vou transcender tudo isso e chegar até o Senhor? Como terei certeza de que me ouve e de que vê a minha dor?

Fui seguindo até a área de serviço, empurrando a água do chão da cozinha, e me lembrei de um vaso de violetas roxinhas. Não dava flor há muito tempo. Fiz um pedido audaz:

– Senhor Deus, se o Senhor ouve a minha oração e está vendo a minha dor, faça brotar uma flor neste vasinho.

Enxuguei as lágrimas, enxuguei o chão e fui fazer outras coisas. Em pensamento eu barganhava um prazo de sete dias pra Deus me responder.

Às seis horas do dia seguinte, enquanto me preparava ainda sonolenta para ir ao ambulatório de pediatria, fui à área de serviço de meu apartamento, e meu olhar se desviou para o vaso de violeta. Cheguei mais perto, levantei uma folha e me deparei com um botão. Chorei como nunca havia chorado em minha vida, de alegria e gratidão.

Não estou sozinha.

Contos da Carochinha:
Chapeuzinho vermelho árabe

A Chapeuzinho árabe visitava a vovó, que já era o Lobo Mau disfarçado:

— Para que esses olhos tão grandes?

— São para te ver melhor — Respondeu o Lobo Mau.

— E essas orelhas imensas?

— Para te escutar melhor.

— E esse narigão enorme?

Ao ouvir isso, o Lobo Mau, indignado, pôs as mãos na cintura e replicou:

— Olha quem fala!

José

Meu pai, acamado, após sofrer um AVC isquêmico, me disse:

– Filha, as duas coisas mais importantes de minha vida são a minha família e a minha palavra.

Ouvi atentamente e procuro até hoje honrar a palavra empenhada. Pena que falei tudo que pensava, completamente sem filtro, nas entrevistas da residência e do concurso do Estado, no qual havia ficado em segundo lugar, e fui arremessada para o penúltimo em ambos.

Adelina

O despertar com o cheiro de café passado em um coador de pano, feito por ela.

O barulho do pedal da máquina de costura a agitar a agulha sobre o tecido, que se transformaria em roupa para os seus filhos.

O cobertor sendo estendido sobre mim nas noites de frio.

O dorso da mão sobre a minha testa, preocupada com a febre.

O cheiro do feijão no fogo.

A maçã argentina vendida por unidade nas feiras de terça, tão cara e destinada ao filho doente.

O corpo que se sobrepunha ao do filho para protegê-lo das cintadas de um pai exaltado.

O braço encolhido para acarinhar, sempre se estendendo para nos proteger.

Essa é você, Dona Adelina,

Mãe de tantos e muitos filhos.

O tempo não mata as minhas lembranças e nem o imenso amor que sinto por ti.

“Bresente” de “babai” libanês

Meu pai me perguntou o que eu queria ganhar caso passasse no vestibular.

– Sério? Então eu quero uma lambreta.

– Até duas, minha filha.

Ou o meu pai não estava acreditando que eu passaria – Medicina é até hoje uma área muito concorrida – ou era verdade mesmo, afinal, entre os 13 filhos, eu seria a única médica.

Passsei, e ele cumpriu a promessa: ganhei dois novelos de lã preta.

Velhice não chega pra todo mundo

Uma minoria, no passado, tinha este privilégio.

Lembro-me de que meu pai começou com claudicação por alteração vascular devido ao tabagismo.

Nos anos 90, era muito cara a aquisição de uma cadeira de rodas.

Tive que ir à loja de materiais e equipamentos médicos para alugar uma.

Senti uma enorme tristeza, pois uma das piores coisas, para mim, é quando a vida lhe impõe limites.

Confesso a minha dificuldade em aceitar isso para mim e para os meus.

Enfim, a cadeira de rodas ajudou bastante.

Mas nunca pensei que dor maior estaria por vir.

Foi quando tive que devolvê-la para a loja, pois, para onde meu pai foi, ela não seria mais necessária.

Meu pai sempre se lembrava das datas de falecimento dos parentes. No entanto, parecia ter amnésia para as datas de aniversário de seus filhos. Compreensível, afinal éramos em 13.

E uma coisa louca me ocorreu quando, em meio a tantos projetos, dois artistas faleceram: Kito Junqueira e Fernanda Young. Mortes precoces e repentinas.

Choramos assustados, como se a morte fosse um privilégio dos outros, como se fôssemos durar para sempre. Como se a data de validade só existisse nos produtos dos supermercados.

O dia seguinte, a semana seguinte, o próximo ano podem falhar e não aparecer para a gente.

E nada será precoce.

Tudo no tempo perfeito de Deus, cumprindo os Seus propósitos.

Para mim, a morte é um parto às avessas, onde a alma renasce para a eternidade.



LIVROS ILUMINAM

Impresso em Pólen Soft 80g/m²
São Paulo para Editora Penalux, em agosto de 2020.